

# DA INTERPRETAÇÃO À TRANSFERÊNCIA

RICARDO D. SELDES (Buenos Aires)

Em 1913, Freud preparou um de seus escritos técnicos para formular algumas “regras do jogo”, oportunas para orientar o analista no início do tratamento<sup>1</sup>. Regras que eram conselhos e não incondicionalmente obrigatórias, dado que em nenhum momento Freud depreciou a singularidade de cada tratamento. Frente à pergunta de quando começar a fazer comunicações ao analisado, sua resposta era esperar: dar tempo ao paciente para que entrasse numa relação diferente com o tratamento e o analista. Neste curto escrito recomendava também a análise de prova.

Freud pede ao analista paciência para não lançar-se a revelar a um «estranho, não familiarizado com nenhuma das premissas analíticas e com quem apenas se fez um trato, que ele sente um apego incestuoso pela sua mãe, abriga desejos de morte contra sua esposa a quem supostamente ama, alimenta propósitos de trair seu chefe, entre outros...»<sup>2</sup>.

São vários os problemas que poderiam se apresentar diante de semelhantes comunicações surgidas da escuta do paciente: um descrédito sobre o analista e sua causa; um aumento das resistências e talvez uma interrupção prematura do tratamento. Freud aconselha, então, cautela, prudência e a espera do tempo necessário antes de comunicar uma solução do sintoma e a tradução de um desejo. Não fazê-lo nunca antes de que o paciente esteja próximo disso.

É claro para Freud que numa análise existe o fator tempo. Isto é assinalado por Lacan no final do *Seminário I*, justamente o dos escritos técnicos de Freud, quando aponta que todo analista percebe na sua experiência que há um desdobramento do «tempo de compreender»<sup>3</sup>. E esse tempo de compreender está ligado à transferência.

Vejamos outro aspecto da mesma questão. Ano 1900. Epílogo do caso Dora. O que nos diz Freud ali? «Não logrei dominar a tempo a transferência». E por quê? Ele explica assim: «por causa da facilidade com que Dora

punha a minha disposição no tratamento uma parte do material patógeno, esqueci de tomar a precaução de estar atento aos primeiros signos da transferência que se preparava com outra parte desse mesmo material.»<sup>4</sup> E acrescenta algumas linhas depois: «acreditei que havia tempo de sobra»<sup>5</sup>. Todavia, reconhece ter ficado na série dos homens dos quais Dora se vingou. Destaquemos que neste contexto Freud expressa com desgosto o seguinte: «fui surpreendido pela transferência e esperei demais»<sup>6</sup>.

Devemos, ainda, considerar em tomar à letra sua expressão: Freud foi surpreendido pela transferência. Por quê? Ele mesmo nos disse no trecho citado anteriormente: estava interpretando. Dora punha a sua disposição o material. E Freud o interpretava. Recordemos que esta “Análise fragmentária de uma histeria” foi escrita em janeiro de 1901 e tinha outra título: “Sonhos e histeria”. Esta denominação era oportuna para mostrar a trama particular entre a interpretação dos sonhos e a história do sujeito: com a ajuda deles «podem preencher-se as lacunas e esclarecerem-se os sintomas»<sup>7</sup>. Numa carta a Fliess da mesma época escreve o seguinte: «Trata-se da análise fragmentada de uma histeria, em que as interpretações se agrupam em torno dos sonhos, de modo que é, na realidade, uma continuação do livro dos sonhos»<sup>8</sup>.

Por que ao publicá-lo em 1905 desaparece do título a referência aos sonhos e se acentua a dimensão da análise? Muda a ênfase em função de assinalar especificamente o determinismo dos sintomas e a estrutura, «o edifício íntimo da neurose»<sup>9</sup>, isto é, sua etiologia sexual. Esses quatro anos foram conclusivos para um descobrimento surpreensivo para o próprio Freud, onde o caso Dora deixa de ser o complemento do livro sobre a interpretação dos sonhos. E um descobrimento que faz com que se confronte com a outra face da análise enquanto interpretação das formações do inconsciente. Intitulá-lo “Sonhos e histeria” era também dizer “sonhos e sintomas de conversão”.

Até esse momento era evidente o modo de analisar. Tinha que se interpretar as formações do inconsciente, levantar os recalques. Seu próximo trabalho seria a "Psicopatologia da vida cotidiana", contemporânea a Dora. Poder-se-ia dizer que junto com a "Interpretação dos sonhos" é a marca da exaltação da interpretação enquanto deciframento do inconsciente. Ao concluir a "Psicopatologia", sublinha a coincidência do mecanismo dos atos falhos e causais e o mecanismo da formação dos sonhos com os sintomas neuróticos. «Somente poderemos apreciar de maneira correta o sutil trabalho psíquico que engendra tanto a operação falhada como as imagens do sonho, quando soubermos que os sintomas psiconeuróticos, em especial as formações psíquicas da histeria e da neurose obsessiva, recapitulam em seu mecanismo todos os traços essenciais desse modo de trabalho»<sup>10</sup>. Sabemos que Freud os interpreta baseando-se especialmente na função do significante, apto sempre para permitir as "mudanças de rumo" para o circuito da associação. As palavras ambíguas (ou as frases) permitem o duplo sentido, o equívoco por onde se chega às vias pelas quais se movem os pensamentos buscados<sup>11</sup>. Freud nos apresentou o inconsciente como um texto a ser lido. Já nos "Estudos sobre a histeria" aparecem numerosos casos de sintomas lidos como um texto no escrito do corpo. Ainda nos momentos cuja determinação do sintoma dependia do trauma psíquico, Freud postulava a expressão de um estado psíquico mediante um estado corporal, para o qual o uso linguístico oferecia as conexões. Não entrar com o pé direito ou não andar ereto podia ser a leitura de dores imotivadas no pé<sup>12</sup>.

Isto significa pensar o inconsciente como o que se lê. Um texto que se lê. E isso é o que fez Freud com o que nos ensinou com a interpretação dos sonhos. O que advertia? Que os relatos tinham um sentido aparente, um sentido manifesto, incoerente, absurdo, marcado de sem sentido. E o que demonstrava Freud? Que se pode lê-los de outra maneira restituindo um sentido, uma coerência e uma significação harmoniosa, organizada. Dito de outro modo, pensar na noção de um texto escrito não decifrado é pensar também num conjunto de significantes que querem dizer alguma coisa. Mas que não se sabe o que é...

Notemos, então, que a dimensão do deciframento do inconsciente tem a ver com um texto a ser lido, tal como aparece expresso no epílogo do *Seminário 11, Os quatro*

*conceitos fundamentais da psicanálise*, de Lacan: «o que se lê, é disso que falo, posto que o que digo está consagrado ao inconsciente, ou seja, ao que se lê antes de mais nada»<sup>13</sup>. Para acrescentar, em seguida: «já não seria nada mal que ao se ler, se entendesse como convém, quando se tem o dever de interpretar»<sup>14</sup>.

Nesse mesmo seminário, Lacan faz uma clara distinção do modo em que aparece o fenômeno do inconsciente: tropeço, falha, fissura<sup>15</sup>. Algo se mostra, é achado, mas está sempre preparado para se esconder de novo. Eis a presentificação de um vazio, que é o que Freud interpreta, para que venha um pensamento ali, onde existe uma incógnita. Isto pode ser resumido magistralmente tal como colocou Colette Soler: «o tropeço significa a presença de uma incógnita e a interpretação tenta determinar esta incógnita»<sup>16</sup>. Para alcançá-lo é necessário o deciframento freudiano que inclui um trabalho de pensamento, um trabalho do inconsciente que não é outro que a condensação e o deslocamento.

Mas Freud constata que, entre o analisante que associa e tropeça e o analista que através do deciframento interpreta, surge algo inesperado, não programado, que é o amor de transferência. Na "Dinâmica da transferência", coloca este esquema: eis a operação do analista, ou seja, a interpretação, que tropeça com a libido retirada em seus esconderijos. Ali se instala um combate onde as forças que causaram a regressão da libido se elevam como resistências. Acrescenta, então que existe outra fonte de resistências, qualificada como a mais grandiosa. É a que se opõe à tarefa mais específica do analista, a de cancelar os recalques. Refere-se a sua tarefa de interpretar<sup>17</sup>. Nestes momentos de resistência, que sobrevém a transferência, a que produz a detenção das associações, pensamentos dirigidos ao analista, produto da própria intervenção do analista.

Afirma, então, que se deve esperar que se tenha estabelecido a transferência operativa e isso já significa conceder a esta seu caráter necessário e produto do mesmo *autômaton* da análise.

No caso Dora, a surpresa de Freud é mais o índice de algo não esperado, um encontro inoportuno, daí seu sentimento de que havia muito tempo pela frente. De qualquer forma, é interessante destacar a calma com que Freud recebeu a declaração de Dora de que interromperia o tratamento. Restam-nos ainda duas horas...

Entretanto, restaram quatro anos para Freud amadu-

recer o que havia ocorrido ali. Entre o escrito e sua publicação encontra-se a “Psicopatologia da vida cotidiana” e três ou quatro artigos curtos, uma contribuição para o livro de Löwenfeld, uma conferência pronunciada diante de um auditório exclusivamente médico e certamente a obra que muda o percurso da psicanálise: “Três ensaios sobre uma teoria sexual”.

E não podemos deixar de fazer nossa interpretação sobre a mudança de nome no caso Dora. Freud entende especialmente o erro cometido<sup>18</sup>, a importância que tem para o paciente aquele que o auxilia na leitura do inconsciente. É investido com um interesse particular, e ao tomar o mesmo termo que utiliza em “A interpretação dos sonhos”, *Übertragung*, assinala seu caráter substitutivo, produto do deslocamento sobre a pessoa do analista de um composto múltiplo de afetos experimentados com as pessoas fundamentais de sua vida, em particular os pais. De fato, a proposta de Freud é que a explicação da transferência resida na libido infantil mobilizada a partir da ação do analista. Deste modo e por assisti-lo em sua leitura do inconsciente, o analista fica investido com a autoridade do Outro primordial. Assim e fechando a órbita, dará mais crédito àquilo que lê. Um poder particular que coloca que a interpretação do analista vai ser recebida como proveniente da pessoa que a transferência supõe que é. Recordemos que em “A direção do tratamento” Lacan define os três níveis ou os três registros da ação analítica e assinala a transferência, a estratégia em termos da guerra, como nada livre. O analista enquanto objeto da transferência não é muito livre: depende fundamentalmente do lugar que lhe dá o paciente. A interpretação, por sua vez, se joga ao nível da tática, ou seja, trata-se de poder reconhecer a oportunidade de sua formulação dependendo dos ditos do paciente.

Porém, como vimos esboçando, é a partir de um determinado momento de sua teoria que Freud coloca que a eficácia da interpretação depende da emergência da transferência, que por sua vez tem a ver com a posição infantil do analisante e certamente o que traz consigo de repetição.

Obviamente já não estamos em “A interpretação dos sonhos”, doutrina técnica do deciframento do inconsciente, mas em “Três ensaios”, onde se teoriza a transferência. O que encontramos basicamente nesta obra? Que os primeiros objetos do sujeito, os primeiros objetos de sua libido estão perdidos e depois do período de latência o

sujeito busca substitutos, novas edições do protótipo perdido. Lacan assinala no *Seminário 4*: «a relação central de objeto, a que é dinamicamente criadora, é a falta»<sup>19</sup>. E mais adiante sustentará que é na divisão conflitiva no objeto reencontrado depois da latência, e pelo mesmo fato de ser reencontrado, que aparecerá a discordância com o objeto perdido. Assim se introduz a primeira dialética freudiana da teoria da sexualidade. E esta experiência fundamental supõe que haja no curso do período de latência conservação do objeto na memória e na ignorância do sujeito.

Temos então configurado o que J.-A. Miller no seu curso “*Donc*”<sup>20</sup> chamou a vertente leitura e deciframento do inconsciente, por um lado, e por outro, a libido, motivo da doutrina da transferência. Formações do inconsciente com o deciframento e libido com a transferência.

A partir desta perspectiva, a interpretação é a condição da transferência. Não haveria transferência sem interpretação e ainda assinala que não há transferência sem demanda de interpretação. Caberia acrescentar que quando Freud introduz a função da transferência, tem especial cuidado em assinalar o momento de fechamento do inconsciente como a mesma causa da transferência, dado que o Outro está presente é-lhe anterior na revelação subjetiva.

«Já está ali quando algo começou a entregar-se do inconsciente»<sup>21</sup>. Lacan deduz que a interpretação do analista não faz mais que encobrir o fato de que o inconsciente já atuou em suas formações por interpretação.

O que se enuncia em uma análise é uma demanda e enquanto tal se deve pensar que há no horizonte o Outro que pode satisfazê-la, que entra em consonância com que o analista está na posição do Outro da demanda. Lacan situa assim a transferência sobre a relação do sujeito ao significante. Vejamos também que outro tanto pode ser dito da interpretação. É verdade que o paciente dá um lugar ao analista de acordo com seus laços libidinais, infantis, porém esse é o lugar do analista? Lacan se pergunta em “A direção do tratamento” quem é o analista? E responde com outra pergunta: qual é o lugar da interpretação? É este o modo justamente como ele intitula a segunda parte desse texto. Qual é o lugar da interpretação?<sup>22</sup>

E talvez seja necessário entender que se a interpretação ocupa o lugar que lhe corresponde é porque o analista estará em outra parte, e não nesse lugar “transferido” pelo paciente. E esse lugar não é senão ... o da interpre-

tação. Que sempre é em outra parte. A tática consiste então em aproveitar a oportunidade para sua formulação, dependente dos ditos do paciente, do que vai ocorrer, de questões de contingência.

Se existe algo que define a interpretação em “A direção do tratamento” é talvez seu valor de transmutação no sujeito, de algo que pode lograr uma mudança radical nele. E para isso Lacan assinala que esta transmutação é possível porque o sujeito se subordina ao significante até o ponto de ser subornado por ele. O que retomará em “Posição do inconsciente” quando coloca o sujeito como efeito do significante.

A interpretação produz algo novo se a concebemos na via do efeito que o significante produz no advento do significado. E quer ser tão claro que se coloca um pouco irônico. Não se trata de uma interpretação que provém das vozes dos arquétipos divinos, mas do simples fato de que a estrutura radical do inconsciente é a linguagem. E aponta seus dardos diretamente para a função do significante no real enquanto institui um lugar para o sujeito.

No princípio colocará a interpretação como um deciframento. Qual é a materialidade desse deciframento, a pista para decifrar? As repetições inconscientes. E para decifrá-las, para traduzi-las, é necessário introduzir algo. Bruscamente<sup>23</sup>.

O sujeito fala, nós esperamos um desenvolvimento da materialidade significante e se vê produzir um retorno, o que chamamos um efeito de significação. Pois tal como está enunciado, esse efeito provém do lugar do Outro. E nesta função do Outro há algo escondido, algo que aparece subtraído, um significante que está debaixo da barra.

Para interpretar, então, há que se percorrer o caminho inverso ao que faz a metáfora. Esta não está aberta a todo sentido porque justamente «inverte a relação que faz com que o significante tenha por efeito, na linguagem, o significado. Tem por efeito fazer surgir um significante

irredutível»<sup>24</sup>. Mas não isolar no sujeito uma “medula de sem sentido”, há que se conceber que a interpretação seja um sem sentido. Não deve ser falha e coloca para o sujeito a qual significante insensato, irredutível, traumático, ele está como sujeito, sujeitado.

A partir do qual se entra no terreno que marca o desejo como pivô entre a interpretação e a transferência. Se a interpretação é a causa lógica da transferência, o amor será o efeito que se produz no atual, para fazer mais suportável ao sujeito o que foi o motor da colocação em marcha de todo este processo: sua sujeição ao desejo do analista. O amor acontece assim numa demanda ao Outro que tenta dar sentido a seu ser que se demonstra como uma falta. O desejo do analista, portanto, enquanto desejo impuro, não é desejo de nada. Tem um sentido, uma orientação que Lacan assinala como a de obter a máxima diferença, a de confrontar ao sujeito ao sem sentido do significante primordial, que como tal é um índice do real.

“Da interpretação à transferência”, o nome deste breve percurso, é uma citação. É o título da aula XIX do *Seminário 11, Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, em que Lacan situa a interpretação enquanto significação, mas para fazer surgir esse significante primordial enquanto sem sentido. E a razão deste título pode ser encontrada nos dois eixos que ele mesmo sugere: da interpretação à transferência teremos o sujeito suposto saber enlaçando ambos. E entre eles o desejo do analista como o que permite que este «se faça causa do desejo do analisante»<sup>25</sup>.

O analista tomará a palavra, em seu tempo e forma, para que a copiosa produção de  $S_1$ , produto da proposta da livre associação encontre um curso adequado.

E também por ele se poderá fazer, em ato, causa do processo analítico, incidindo na divisão do sujeito.

Para revelar a causa.

Silenciosamente.

Texto traduzido por Raquel Fontan Díaz.

<sup>1</sup> FREUD S., “Sobre la iniciación del tratamiento”, *Obras Completas*, Amorrortu Editores, tomo XII, p. 125.

<sup>2</sup> FREUD S., *ibid.* p. 140.

<sup>3</sup> LACAN J., *El Seminario, Libro 1, Los escritos técnicos de Freud*, Barcelona, Paidós, p. 415.

<sup>4</sup> FREUD S., “Fragmentos de análisis de un caso de histeria”, *Obras Completas*, *op. cit.*, tomo VII, p. 103.

<sup>5</sup> FREUD S., *ibid.* p. 10.

<sup>6</sup> FREUD S., *ibid.*

<sup>7</sup> FREUD S., *ibid.*

<sup>8</sup> FREUD S., Carta n° 140 de 25/01/1901, inédita.

<sup>9</sup> FREUD S., “Fragmentos de análisis de un caso de histeria”, *Obras Completas*, *op. cit.* p. 12.

<sup>10</sup> FREUD S., “Psicopatología de la vida cotidiana”, *Obras Completas*, *op. cit.*, tomo VI, p. 269.

<sup>11</sup> FREUD S., “Fragmentos de un caso de histeria”, *Obras Completas*, *op. cit.*, tomo VII, p. 58.

<sup>12</sup> FREUD S., “Sobre o mecanismo psíquico de fenômenos históricos”, *Obras Completas*, *op. cit.*, tomo II, p. 35.

<sup>13</sup> LACAN J., *El Seminario, Libro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Barral Editores, 1977, p. 283.

<sup>14</sup> LACAN J., *ibid.* p. 284.

<sup>15</sup> LACAN J., *ibid.* p. 36.

<sup>16</sup> SOLER C., "Transferencia e interpretación", seminário em Medllín, 07/04/89.

<sup>17</sup> FREUD S., "Sobre la dinámica de la transferencia, *Obras Completas*, op. cit., tomo XII, p. 100 e 101.

<sup>18</sup> Não nos referimos a sua confusão entre o objeto de identificação e o objeto de amor em Dora, mas ao fato de não haver reparado na importância da transferência.

<sup>19</sup> LACAN J., *Le Séminaire, Livre 4, La relation d'objet*, Paris, Seuil, 1994, p. 53.

<sup>20</sup> MILLER J.-A., "Donc", seminário inédito, aula de 22/06/94.

<sup>21</sup> LACAN J., *El Seminario, Libro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, op. cit. p. 137.

<sup>22</sup> LACAN J., "La direction de la cure et les principes de son pouvoir", *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 592.

<sup>23</sup> LACAN J., *ibid.* p. 593.

<sup>24</sup> LACAN J., *El Seminario, Libro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, op. cit. p. 254.

<sup>25</sup> LACAN J., *El Seminario, Libro 17, El reverso del psicoanálisis*, p. 39.